

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 12, número 1 (2021)  
ISSN: 2177-2886

Artigo

## Tá “Monstrão”! A Construção da Masculinidade em uma Academia de Musculação

*¡Es un “Monstruo”! La Construcción de la Masculinidad en un Gimnasio de Musculación en el Interior de São Paulo*

*Ok “Big Monster”! The Construction of Masculinity in a Bodybuilding Gym*

**Victor Cesar Belloni dos Santos**

Universidade do Oeste Paulista - Brasil  
victorcesar.belloni@hotmail.com

**Vagner Matias do Prado**

Universidade Federal de Uberlândia - Brasil  
vmp\_ef@yahoo.com.br

**Marcos Vinicius Francisco**

Universidade Estadual de Maringá - Brasil  
marcos\_educa01@yahoo.com.br

Como citar este artigo:

SANTOS, Victor Cesar Belloni dos; PRADO, Vagner Matias do; FRANCISCO, Marcos Vinicius. Tá “Monstrão”! A Construção da Masculinidade em uma Academia de Musculação. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 12, n. 1, p. 34-53, 2021. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

# Tá “Monstrão”! A Construção da Masculinidade em uma Academia de Musculação

*¡Es un “Monstruo”! La Construcción de la Masculinidad en un Gimnasio de Musculación en el Interior de São Paulo*

*Ok “Big Monster”! The Construction of Masculinity in a Bodybuilding Gym*

## Resumo

Nesta investigação assumimos o objetivo de compreender qual representação de masculinidade é produzida por um atleta fisiculturista por meio da prática da musculação e as relações por ele estabelecidas com seu corpo. No estudo de caso de abordagem qualitativa, em uma academia localizada em município do interior do estado de São Paulo, utilizamos os seguintes procedimentos: observação participante, diário de campo e entrevistas semiestruturadas. Evidenciamos que a masculinidade, como construção sociocultural, remete a um projeto de vida instituído na infância, bem como que a prática da musculação em determinado espaço geográfico estabelece relações hierárquicas em uma tentativa hiperbólica de estabelecer a superioridade de um corpo sobre outros..

Palavras-Chave: Masculinidades; Musculação; Fisiculturismo; Estudos de Gênero.

## Resumen

Esta investigación tiene el objetivo de comprender qué representación de masculinidad es producida por un atleta fisiculturista a través de la práctica del culturismo y las relaciones que establece con su cuerpo. El presente estudio de caso de carácter cualitativo, realizado en un gimnasio ubicado en una ciudad del interior del estado de São Paulo, fueron utilizados los siguientes procedimientos: observación participante, diario de campo y entrevistas semiestruturadas. De acuerdo a los resultados, queda evidenciada que la masculinidad, como construcción sociocultural, se remite a un proyecto de vida instituido en la infancia, de modo que la práctica del culturismo termina por permear relaciones jerárquicas en un intento hiperbólico de establecer la superioridad de un cuerpo sobre otros cuerpos.

Palabras-Clave: Masculinidades; Musculación; Culturismo; Estudios de género.

## Abstract

This investigation seeks to understand which representation of masculinity is produced by a bodybuilder athlete through the practice of resistance training and the relationships he establishes with his body. This is a qualitative case study developed in a gym located in a city in the state of São Paulo. The methodology included the following procedures: participant observation, field diary and semi-structured interviews. Our results pointed out that masculinity, as a socio-cultural construction, refers to a life project rooted in the individual's childhood. They also revealed the bodybuilding practice establishes hierarchical relationships in a hyperbolic attempt to establish the superiority of one body over others.

Keywords: Masculinities; Resistance Training; Bodybuilding; Gender studies.

**Victor Cesar Belloni dos Santos, Vagner Matias do Prado, Marcos Vinicius Francisco**



## Introdução

Os estudos de gênero têm ganhado espaço nos debates acadêmicos da Educação Física. Contudo, Brito, Freitas e Santos (2014), Pereira *et al.* (2015), Devides (2020) e Venegas (2020) argumentam que problematizações acerca dos processos de construção das masculinidades e feminilidades deveriam ser alvo de maiores preocupações por parte de pesquisadores e pesquisadoras atuantes na área.

Reconhecer e sermos reconhecidos como homens ou mulheres no plano das relações humanas depende da marcação social de gênero que nos captura. Tomamos aqui o gênero como categoria analítica, representacional e política que valida a ideia do "vir a ser homem" ou "mulher" a partir da performatização das masculinidades ou feminilidades (BUTLER, 2003). Complementa-se, a partir de Silva e Ornat (2011) que as masculinidades e feminilidades são produzidas em distintas espacialidades, não permitindo que estas sejam classificadas como universais, até mesmo porque são interseccionadas, por exemplo, pelas categorias de classe social, raça, etnia, religião, dentre outras.

Para os estudos da área gênero deve ser compreendido como uma categoria social imposta sobre corpos sexuados (SCOTT, 1995; LOURO, 1997). A problematização pretendida foca no desvelamento das imposições socioculturais que produzem nos corpos situados, em determinado espaço, representações de masculinidades ou feminilidades.

Todavia, como apontam Devides *et al.* (2011), Devides (2020) e Pereira *et al.* (2015), no que se refere à Educação Física os estudos de gênero parecem priorizar investigações sobre mulheres, fato que ofusca tomarmos o conceito como relacional. Dessa maneira, no cenário contemporâneo, faz-se relevante e promissor o desenvolvimento de pesquisas sobre as masculinidades (PEREIRA *et al.*, 2015; VENEGAS, 2020). Inclusive, é oportuno registrar que há investigações acerca do tema que têm se debruçado na busca pela compreensão das relações entre a espacialidade geográfica e a constituição das masculinidades, a exemplo das academias de musculação, foco desta pesquisa (JOHNSTON, 1998; COEN, 2017).

A intenção do presente artigo é refletir o processo de construção de masculinidades por intermédio das práticas corporais, mais especificamente da prática da musculação. O objetivo central consiste em compreender qual representação de masculinidade é produzida por um atleta fisiculturista por meio da prática da musculação, bem como quais as relações por ele estabelecidas com seu corpo.

Para tal, após esta introdução apresentaremos uma pequena revisão de literatura acerca da construção cultural dos corpos, gênero e a produção de masculinidades em distintos espaços geográficos. Posteriormente, os procedimentos metodológicos adotados para o estudo e os resultados obtidos. Por fim, as considerações finais seguida das vozes que nos auxiliaram durante o processo investigativo.

### Gênero, Práticas Corporais e Produção de Masculinidades

Na história da humanidade o corpo passou por diversos processos de significação (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). Dependente do contexto histórico, social, político e espacial no qual se encontra inserido, a representação de corpo (e, acrescentamos, de identidade) revela as normas de conduta social de determinado grupo. Como argumenta Daolio (2004), Caetano, Lima e Castro (2019) o corpo também é transpassado pela dinâmica cultural.

É possível afirmar que cada momento histórico valoriza o corpo de acordo com os seus padrões e idealizações (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). Segundo Casimiro (2012), desde a Antiguidade Clássica, o corpo reflete as representações de determinado grupo como, por exemplo, as noções de homem edificadas por alguns filósofos gregos como Sócrates, Platão e Aristóteles. Na atualidade, o corpo também passa a ser (re)pensado a partir de sua intersecção com a máquina (*cyber body* ou corpo-máquina) (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

Por ser uma construção sociocultural, nas culturas contemporâneas o corpo também é transformado, constantemente, por meio de procedimentos estéticos, tais como: cirurgias, tatuagens e transformações anatômicas e biomecânicas. Barbosa, Matos e Costa (2011) esclarecem que esse processo é realizado com a finalidade de obter um corpo propício a aumentar desejos e prazeres sensuais, permitindo com que os sujeitos se adequem a determinados padrões sociais e se sintam inseridos em determinado espaço. Muitos indivíduos passam a investir em seus corpos para que possam ser compreendidos como possíveis e desejáveis no plano cultural das relações humanas.

Silva e Ornat (2011) complementam, a partir da ciência geográfica é possível conceber que a produção do espaço não ocorre a partir da neutralidade dos corpos. Ao serem entendidos como elementos geográficos, deixam suas marcas nas relações espaciais e temporais.

Os investimentos corporais, para além da "melhoria" estética, podem ser considerados como tecnologias de produção de corpos generificados. Reconhecer-se e ser reconhecido como homem ou mulher no plano social requer a adoção de práticas que estilizem nos corpos representações de masculinidade ou feminilidade. Tal fato nos impele a reconhecer o gênero como um marcador social que produz a identidade de homens e mulheres.

Para Scott (1995) o conceito de gênero passa por duas dimensões. Deve ser considerado como um conjunto de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e como uma estratégia social, utilizada para dar significado às relações de poder.

Nesse sentido, o conceito de gênero é potente tanto para refletir sobre o processo histórico de construção das masculinidades e feminilidades, quanto para se problematizar as relações sociais de poder instituídas em determinadas espacialidades. Essas relações, em uma perspectiva de gênero, subjagam o considerado como feminino ou modelos de masculinidades que não seguem ao padrão considerado como "normal".

Segundo Forth (2013) os estudos sobre masculinidades foram pensados em perspectivas disciplinares diversas. Todavia, destacam-se duas grandes

vertentes: a Materialista e a Pós-Estruturalista:

Os defensores do ponto de vista "materialista" resgatam os fundamentos sociais e institucionais, mais ou menos estáveis, sobre os quais repousa a construção das normas masculinas ao passo que aqueles que adotam uma posição "pós-estruturalista" se esforçam para desvelar as ambiguidades, as instabilidades e as contradições dessas normas (FORTH, 2013, p. 155-156, destaques do autor).

Baseados em Connell, Pereira *et al.* (2015) definem a masculinidade como a configuração de práticas ao redor do posicionamento social ocupado pelos homens no contexto das relações entre os gêneros. Em meio a esse processo, a expressão da corporalidade masculina carregaria valores como virilidade, heterossexualidade, competitividade, rusticidade, dentre outras características que afastem o homem do fantasma da feminilidade. "O masculino é educado para a superioridade: competitivo, ativo, destemido, independente, racional e intelectual" (PEREIRA *et al.*, 2015, p. 150).

Outras características também poderiam ser pensadas como constituintes do processo de masculinização dos corpos: ser provedor, desenvolver a agressividade, tornar-se superior aos outros homens e às mulheres e superar a dor em um movimento de demonstração de sua masculinidade (JOHNSTON, 1998; WELZER LANG, 2001; PRADO; ALTMANN; RIBEIRO, 2016; SILVA; FERREIRA, 2016; VENEGAS, 2020).

Para Brito e Leite (2017) refletir a masculinidade é pensar nas diversas representações que são atribuídas aos homens, ao serem inseridos no convívio social. E, nesse processo de construção da masculinidade, pode-se entender que dentro do âmbito social existem padrões impostos pela sociedade para fazer do homem "o masculino".

Essas construções perpassam por períodos da primeira infância da criança e se estende até seu envelhecimento. Nesse processo de construção da masculinidade, e ao transitar por distinta espacialidade, um corpo identificado como macho da espécie humana é introduzido em um ritual contínuo e reiterativo de socialização que visa transformá-lo em um homem masculino a partir do rechaço e afastamento de características que poderiam "feminizá-lo". Desde pequenos,

[...] meninos são presenteados com revólveres de brinquedo, bolas, bonecos de super-heróis da TV, carrinhos de controle remoto, videogames de jogos de combate, entre outros. Espera-se que sejam agressivos [...] a eles é permitido extenuar-se fisicamente em atividades como correr, saltar, trepar, chutar e comportar-se, de várias maneiras, como 'verdadeiro menino'. Quando não conseguem satisfazer a essas expectativas ganham o desagradável epíteto de 'mariquinhas'" (PEREIRA *et al.*, 2015, p. 151, destaques dos autores).

Welzer Lang (2001) compreende a construção da masculinidade como o momento que aproxima o menino das características culturais consideradas como masculinas pela sociedade, como: a agressividade, a virilidade, ter o corpo forte e outros atributos direcionados ao gênero masculino. Esse processo demonstra que a masculinidade não é um fator natural ou biológico, mas sim

**Victor Cesar Belloni dos Santos, Vagner Matias do Prado, Marcos Vinicius Francisco**



um atributo constituído por representações sociais, formadas culturalmente, no ambiente de convívio.

Para que o projeto de “masculinização” se efetive, é necessário naturalizar as reiteraões discursivas em torno do que é “ser” homem e, a partir disso, investir de forma sistemática na estilização de um corpo condizente com a masculinidade. Dentre as diferentes estratégias utilizadas, as práticas corporais nos espaços das academias, tornam-se cenários interessantes que poderiam ser problematizados (JOHNSTON, 1998; COEN, 2017).

Vigarelo (2013) ressalta que os esportes, por exemplo, atuam como estratégias de produção de corpos específicos para os homens. Ao historicizar a produção do que denominou de “virilidade”, o autor ressalta que essa produção é contingencial e dependente do momento histórico em que os corpos são inseridos num determinado espaço geográfico.

No contexto de academias de musculação também se faz interessante problematizar que muitos homens parecem construir suas identidades a partir da busca por uma representação hiperbólica que materialize em seus corpos características morfológicas culturalmente reconhecidas como masculinas e viris. Recorrem à prática da musculação com o objetivo de construir em seus corpos uma imagem que se aproxime da representação de masculinidade difundida como “ideal”. Um exemplo é a busca pelo corpo hipertrofiado, com os músculos bem demarcados (JOHNSTON, 1998; SABINO, 2000; COEN, 2017). Tal busca também objetiva distinguir de outros “machos”, demonstrando sua “superioridade”. “Nos ambientes das academias, há hierarquia. Os que malham mais conduzem os que malham menos. Os iniciantes são seguidores dos mais experientes, são discípulos que 'almejam chegar lá': ter um corpo similar” (ESTEVAO, 2005, p. 52, destaques da autora).

No transcorrer do processo de construção cultural de uma estética viril hipertrofiado, o corpo também passa por um processo territorialização no qual homens e mulheres utilizam os exercícios resistidos de forma diferenciada. Johnston (1998), Sabino (2000) e Coen (2017) descrevem que dentre os praticantes da musculação, determinados exercícios (não todos!) são associados à masculinidade. Exercícios que visam trabalhar as regiões dos membros superiores, dentre eles, braços, região peitoral e costas, estão relacionados à masculinidade e exercícios com ênfase nos grupos musculares das regiões inferiores, são associados à feminilidade.

Ainda nos espaços geográficos de prática da musculação, Silva e Ferreira (2016) relatam que os sujeitos almejam expressar sua masculinidade em forma de atos, como, por exemplo, suportar a “dor”, mostrando-se ser fortes e viris. O praticante que, de tal modo, deixa demonstrar sua fraqueza pela dor pode sofrer restrições perante os demais membros de determinadas comunidades machistas (SILVA; FERREIRA, 2016).

Também é possível pensar na relação que pode ser estabelecida entre o processo de produção de determinado tipo de masculinidade via prática da musculação com a sexualidade do sujeito. Um corpo masculino, precisa também provar sua potência sexual, sua virilidade, e isso pode ser visibilizado no contexto de produção de masculinidades em academias, conforme identificado pelos estudos de Silva e Ferreira (2016) e Coen (2017).



Silva e Ferreira (2016) e Coen (2017) observaram as relações estabelecidas entre praticantes de musculação, masculinidade e sexualidade, durante momentos de treinos. Os primeiros concluíram que os homens participantes da investigação realizada se exaltavam com frases do tipo: “Tá foda, tenho que desligar o celular porque elas querem transar, eu me fodo e quando fodo elas, fico morto pra malhar!” (SILVA; FERREIRA, 2016, p. 92).

Com o aumento de praticantes de exercícios físicos em academias de musculação, muitos sujeitos vão além do simples ato de treinar seu corpo. De acordo com Johnston (1998), Silva e Ferreira (2016) e Coen (2017), a prática da musculação pode se configurar como um processo que visaria fortalecer representações de masculinidade que são consideradas como positivas no interior das relações sociais entre homens.

Nesse sentido, no âmbito das academias de musculação, criam-se hierarquizações entre masculinidades baseadas na morfologia dos corpos. Quanto mais hipertrofiado, mais próximo do modelo viril valorizado. Quando mais “monstrão”<sup>1</sup>, mais “macho” e potente o sujeito parece se reconhecer. A partir das contribuições de Estevão (2005) problematizamos que no caso da relação entre homens, masculinidades e prática da musculação, um corpo precisa do “outro” apenas para demonstrar sua superioridade!

Postas estas considerações, nossa proposta investigativa objetivou compreender qual representação de masculinidade é produzida por um atleta fisiculturista por meio da prática da musculação, bem como quais as relações por ele estabelecidas com seu corpo.

### Delineamento Metodológico

O estudo de caso de natureza qualitativa foi eleito como condutor do estudo. Santos Filho e Gamboa (2013) elucidam que a pesquisa qualitativa rejeita a possibilidade de descoberta de leis sociais, ao centrar-se na interpretação do fenômeno social, a partir das perspectivas dos participantes.

Como estudo de caso, a investigação centrou-se no estudo de um caso particular que, embora tendo especificidades, pode ser significativo para a compreensão de contextos similares “de modo a ser apto a fundamentar uma generalização para situações análogas, autorizando inferências” (SEVERINO, 2007, p. 121).

A investigação foi realizada no espaço geográfico de uma acadêmica de musculação, em uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo. O sujeito participante, cujo pseudônimo por questões éticas será denominado de “J”, se reconhecia como homem do gênero masculino e possuía, no momento do estudo, trinta e sete anos<sup>2</sup>. É adepto da prática de musculação a mais de dez anos e, atualmente, dedica seu treinamento diário voltado para o fisiculturismo<sup>3</sup>.

Para a geração de dados nos valem da observação participante, diário de

1 Gíria utilizada em contextos de academias para se referir ao corpo masculino hipertrofiado.

2 A investigação teve início após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade sede, obedecendo aos princípios da pesquisa com seres humanos. Preconizados pela resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

campo e entrevista semiestruturada. A imersão em campo foi realizada entre os meses de agosto e setembro do ano corrente em que a pesquisa foi realizada, três vezes por semana, em um período de duas horas diárias.

As entrevistas ocorreram, posteriormente, em dois encontros e tiveram duração média de uma hora cada sessão. Os dados gerados foram analisados a luz do referencial teórico supracitado. Foram elaborados dois eixos problematizadores: 1) Do “ser” homem à pluralização das masculinidades; 2) O corpo como outdoor: masculinidades, hierarquias e produção de si.

### Do “Ser” Homem à Pluralização das Masculinidades

Ao abordar com o participante da pesquisa aspectos relacionados à construção da masculinidade, entendida e assumida nessa investigação como uma produção sociocultural e política, situada espacialmente, questionamos o que era, para ele, “ser” homem. Para o colaborador, a representação sobre “ser” homem assenta-se em representações sobre um “projeto de masculinidade” iniciado na família.

*Homem é questão de postura. [...] Isso eu escuto desde que eu era pirralho [do pai]. Vira homem moleque! [...] Só escutei do meu pai. Então, eu convivi com isso. Vira homem! Falar grosso, era adquirir respeito dos outros, entendeu. (J, INFORMAÇÃO VERBAL).*

A ideia de “postura” remete a pensarmos nos aprendizados culturais que visam “endireitar” o sujeito para que este não se desvie do caminho planejado. “Ter” postura é responder aos modelos de comportamento esperados sem questionar. É o caminho para “virar homem”. Para Pereira *et al.* (2015), Caetano, Lima e Castro (2019), nossa identidade cultural se constrói a partir das representações e aceitação de regras sociais.

É possível ainda problematizar o processo de territorialização do corpo do homem para torná-lo masculino (BRITO; FREITAS; SANTOS, 2014; CAETANO; LIMA; CASTRO, 2019). “Falar grosso” nos remete a pensar nos símbolos culturais que gerenciam tanto a morfologia quanto os modos de funcionamento do corpo. O ato de passagem de ar pelas cordas vocais, ação fisiológica que contribui para a produção da fala, passa por um processo de generificação, pois “falar grosso” atestaria a masculinidade pretendida e possibilitaria o “respeito dos outros”, entendido aqui como legitimação de sua masculinidade por meio do reconhecimento entre pares.

Tais informações descritas pelo participante, sobre o processo de construção da masculinidade, corroboram com os estudos de Welzer Lang (2001), para quem a construção da masculinidade deve ser entendida como um aprendizado social que insere o macho em espaços de socialização frequentado por homens (ou que enaltecem o masculino), processo que o autor denomina de “a casa-dos-homens”. Esse processo inicia-se na primeira infância e acompanha a criança por toda uma história de vida, permitindo que as relações dali

3 Modalidade competitiva que busca no uso do treinamento resistido obter um alto ganho de massa muscular que será submetida à comparação com a morfologia de outros atletas (ESTEVAO, 2005).

decorrentes constroem os atributos que se relacionam com a masculinidade e a diferenciam de qualquer característica que possa associar esse homem a ao campo do “feminino” (COSTA, 1998; WELZER LANG, 2001; PRADO; RIBEIRO, 2010; BRITO; FREITAS; SANTOS, 2014; COEN, 2017; CAETANO; LIMA; CASTRO, 2019).

Outro aspecto a salientar se refere ao que nosso colaborador classifica como homens que fogem do padrão de “ser homem”. Em sua narrativa, não apresentar determinadas características valorizadas como masculinas é depor contra a possibilidade de tornar-se homem:

*Hoje em dia se o cara não tiver uma certa agressividade, você já fica na dúvida, se ele é homem ou se ele não é [...] E você vê que eles não têm aquela firmeza, aquela agressividade, aquela rispidez que o homem tem. Isso é uma característica do homem, a mulher não tem. Não é agressividade de ser estúpido, é agressividade natural do homem. [...] Mas, para mim o cara que fala mole já não é homem. O jeito dele se mexer, andar, falar, esses jeitos você vai atribuir para traços masculinos ou não masculinos. Mexendo muito a mãozinha na hora de falar, quebrando a munheca. Tem muito cara fortão que eu não coloco a mão no fogo não [...] Se é certo ou errado, eu não sei. (J, INFORMAÇÃO VERBAL).*

A agressividade “natural do homem” é apontada por J como uma dessas características. Em contrapartida, “falar mole” e o “jeito dele se mexer, andar, falar” são fatores que afastam o sujeito de ser “aprovado” pelo social como masculino. Souza (2005) e Venegas (2020) afirmam que a masculinidade é composta por diversos atributos que associam o masculino ao poder, entre os quais se destacam à virilidade e a agressividade. Nesse sentido, não apresentar tais atributos produz uma relação de hierarquização entre os homens na qual os sujeitos que não apresentarem “traços masculinos” serão subjugados, pois “o cara que fala mole já não é homem”.

O processo de “tornar-se” masculino remete a uma espécie de identificação entre os homens para a classificação, validação ou reprovação de suas masculinidades (CONNELL, 1995; PEREIRA *et al.*, 2015; VENEGAS, 2020). Nessa operação, é produzida uma hierarquia entre sujeitos “masculinos”, fato que permite compreender que, como produção cultural, a masculinidade não pode ser considerada como uma representação única. Antes, ela é performatizada de diferentes maneiras, possibilitando falar em “masculinidades”, no plural. Nessa perspectiva, complementam Almeida e Ornat (2014), as múltiplas masculinidades se apresentam como um grande desafio à Geografia brasileira, sobretudo porque ela abarca distintas relações socioespaciais de constituição dos corpos e de produção das masculinidades.

No trecho transcrito podemos inferir que homens que não apresentam determinadas características ou que, para nosso colaborador, se aproximam do considerado como feminino “soam” como uma espécie de “homens de segunda linha”. Por seus comportamentos e atitudes abrirem espaços para dúvidas sobre sua virilidade, não são compreendidos como “homens de verdade”. São representações de masculinidade consideradas como inferiores,

que produzem, em contrapartida, o enaltecimento de uma representação de masculinidade hegemônica.

Connell (1995) já argumentará que não se pode compreender a masculinidade de forma singular. Em suas pesquisas a autora reconheceu quatro representações de masculinidades que foram possíveis de serem observadas em campo: a hegemônica, a subordinada, a cúmplice e a marginalizada. Essa pluralidade atesta que a masculinidade pode ser construída e reconstruída a partir das relações sociais de gênero que cercam o homem, sendo afetadas pelo cruzamento de outros marcadores sociais de diferença como classe social, cor/etnia, religião, regionalidade etc. (LOURO, 1997).

Romero e Pereira (2008) e Brito, Freitas e Santos (2014) também defendem que a masculinidade não pode ser considerada como algo singular, que se expressa da mesma forma em quaisquer situações ou espacialidade geográfica. É possível compreender que existem diferenciadas maneiras de se representar o homem e que essas distintas representações também estabelecem, entre si, hierarquias em relação ao modelo de masculinidade considerado hegemônico. Para Costa (1998) a masculinidade hegemônica apresenta a dominação dos homens, sua visibilidade nos espaços públicos e a subordinação das mulheres e do considerado como feminino.

### O Corpo como *Outdoor*: Masculinidades, Hierarquias e Produção de Si

Ao ser questionado sobre a representação do seu corpo, J fez alguns apontamentos sobre a necessidade de adquirir determinado padrão dentro do espaço geográfico da academia de musculação. Apontou motivos que o levaram a buscar o aperfeiçoamento corporal, dentre eles, ser admirado por diferentes olhares.

*Eu comecei a ver e lembrar como era meu corpo antes e como é agora [...] É outra visão de mim. Eu só tinha vontade (malhar) porque eu achava bonito. Porque, um corpo escultural é bonito, é legal de se apreciar. Sim, é que me sinto bem! Ah, estou com tanto peso. Ah, estou com tanto de braço. Isso faz você ir estipulando metas. Isso me faz bem [...] Só que isso entra em uma questão que pode deixar o ego lá pra cima. Sim! Começa com solicitação no facebook, pessoas me chamarem para isso e aquilo. Ai você se sente, esteticamente! Até porque, quando eu era magrelo ninguém olhava para mim. Isso começa a deixar você com o ego inflado. Isto te infla. Exatamente! Você está sendo desejado pelo o que você conquistou. Isso é uma coisa do ser humano, todos os ser humanos querem ser amados, cuidados. (J, INFORMAÇÃO VERBAL).*

Construir um corpo escultural, “ser” desejado por diferentes olhares e perceber que para a estética masculina seu corpo passa a ser requisitado por outros, tornam-se motivos de enaltecimento da prática da musculação. Interessante notar é que não apenas modificações morfológicas são desencadeadas pela prática. Identificamos um processo de produção de uma subjetividade, pois “isso começa a deixar você com o ego inflado”, “você se

sente esteticamente”. Nesse sentido, Estevão (2005) argumenta que na prática do fisiculturismo o corpo parece se tornar um território com um fim em si mesmo. É ele que passa a expressar “quem eu sou”. É a porta de entrada para as relações interpessoais, inclusive, ao produzir sentimentos de que, agora, “sou amado”.

A política do performativo preconizada por Judith Butler (2003) nos fornece subsídios para pensar a questão. Para a autora, as práticas sociais produzem nossa ideia de “ser”. Ou seja, não existe um sujeito “pré-discursivo”, que apenas “encena” os papéis sociais. Butler argumenta que, ao ser inserido no mundo cultural, as práticas adotadas pelos sujeitos é que produzem suas subjetividades. Para a filósofa, é nesse processo que o corpo passa a ser alvo de estilizações para que possa materializar a identidade do sujeito, inclusive, para “provar”, no plano das relações sociais, seu “verdadeiro” gênero<sup>4</sup>.

Em determinado momento de sua carreira, J salientou que, por problemas de ordem pessoal, teve que interromper as atividades de musculação durante um curto período de tempo. Esta barreira o fez diminuir seu índice de massa magra, gerando certa frustração pessoal e especulações de terceiros.

*Eu passei da minha meta e fiquei super feliz, aí eu adoeci. Hoje, eu vou te dizer que me incomoda um pouco. O pessoal que me viu com o peso que eu estava, com o físico que eu estava há um tempo, fala “Nossa, o que aconteceu? Está doente?”. Isso me incomoda um pouco [...]. Então, eu sofro [...]. Há seis meses, eu sentia certa admiração pelo peso que eu pegava, pelas cargas que conseguia levantar; se eu ia revezar com alguém, a outra pessoa não queria revezar pelo fato de estar pegando muito peso. Agora que estou magro ninguém olha, os únicos comentários são: “Nossa, o que aconteceu? [...] Sim, de homens e mulheres. Muitas pessoas te criticam, outras elogiam, muitas se escandalizam! Perguntando, o que você está fazendo com o seu corpo? e o que está fazendo com a sua vida? (J, INFORMAÇÃO VERBAL).*

Nota-se que a necessidade de interrupção do ritual de produção de um corpo masculino no contexto observado gera frustração e faz com que os olhares voltados para si estejam carregados de desconfiança. Talvez, por isso que, mesmo ao sentirem dores e terem a saúde comprometida pela utilização de substâncias anabolizantes, alguns/algumas atletas de fisiculturismo estabelecem um jogo arriscado entre vida e morte (ESTEVÃO, 2005; CECCHETTO *et al.*, 2012).

Outro aspecto a salientar refere-se à necessidade de adquirir determinado padrão corporal para atender expectativas sociais sobre si e ser aceito socialmente em determinada espacialidade geográfica. O corpo produzido seria o voucher para o estabelecimento de boas relações interpessoais, inclusive, sexuais.

4 Para Butler (2003) o gênero é resultado de um processo contínuo e reiterativo de estilização ritualística de símbolos corporais que acionam a ideia de masculinidade ou feminilidade. Ou seja, embora materializado nos corpos trata-se de um regime regulatório discursivo que atua na produção de “si”.

*A pessoa muda toda sua vida. Já não é mais para ela, é em função de admiração, é para os outros [...] Sim, isto, se ele está pegando mais peso, se o braço está maior, se ele fica mais bonito no espelho e se a gatinha olhou para ele e não para o outro [...] Meu, é difícil você falar. Tem gente que passa a vida inteira na academia e você não vê mudança nenhuma no corpo. Ele busca qualidade de vida. Eu como sempre fui atleta, eu não consigo fazer a musculação só por fazer. Quero alcançar algo mais. E sempre, sempre! Sempre quero melhorar! Sim, ainda mais dentro da minha área. Se você não atingir aquele padrão, você está fora. Porque, tem um padrão estético imposto pela sociedade. Sim, mulheres que me viram há muito tempo e depois me viram com o físico avantajado começaram a me admirar. Você percebe olhares, aí você fica animado né! “Oh tá me olhando”! Minas que nunca me olharam, agora tá me olhando por quê? Entendeu. O físico ele chama a atenção. Agora, cabe ao indivíduo saber lidar com isso. Pois, viver em função do físico para chamar a atenção dos outros, os olhares dos outros, ser desejado pelo outro, isso influencia muito. É normal. Isso abre portas para as meninas chegarem, elas até começam a perguntar sobre treinos. Isso, hipertrofiado. Assim, muitas vezes, abrem brecha para um eventual “sexozinho”, um sexo casual, entendeu? Quando você está hipertrofiado, você fica igual um outdoor, fica exposto. Fica um objeto de desejo! [...] Mas como disse, teve aproximação por interesses, admiração e repúdio. (J, INFORMAÇÃO VERBAL).*

Em vários momentos da pesquisa, como demonstrado na transcrição anterior, J reiterou a importância de cultivar e hipertrofiar seu corpo, na expectativa de se sentir incorporado ao padrão social de beleza no âmbito da musculação. Para Johnston (1998), Dunne, Freeman e Sherlock (2006), Coen (2017) e Venegas (2020) a percepção de que os músculos estão relacionados com a masculinidade é cada vez mais comum.

No que se refere à sexualidade, o corpo masculino hipertrofiado, forjado por halteres, roldanas, barras e anilhas institui certa representação de virilidade. Tal representação parece não somente ser legitimada pelo praticante como também pelas pessoas que o cercam. Apresentar-se “mais bonito no espelho” também aciona a atenção aos olhares dispensados ao seu corpo, fato que “muitas vezes, abrem brecha para um eventual “sexozinho”, um sexo casual, entendeu?”.

Corroborando com a informação verbal supracitada por J quando menciona a possibilidade de relações sexuais mediatizadas por sua estética, percebemos que as relações entre corpo, gênero e adequações normativas aparecem em outros estudos como possibilitadora de relações entre os sujeitos. Destacamos neste ponto a fala de uma estudante de administração e *marketing*, entrevistada no estudo de Hansen e Vaz (2004):

[...] eu não gosto de homem magro, nem de homem gordo, de jeito nenhum, nem gordo, nem magro. Barriga não pode ter de jeito nenhum, eu acho horrível, acho que tem que ser um corpo malhado

**Victor Cesar Belloni dos Santos, Vagner Matias do Prado, Marcos Vinicius Francisco**

também. Assim, tem alguns corpos, assim, que são mais fortes, mais bombados, que eu acho bonito, mas não são todos, quando é exagerado, tipo, é fisiculturista, essas coisas eu acho horrível, sabe?! Mas acho que um corpo eu acho bonito, assim: braço forte, não precisa ser exagerado [...] tórax, assim, mais malhado, sabe, barriga malhadinha, só. (HANSEN; VAZ, 2004, p. 138-139).

À menção ao corpo como *outdoor* também é instigante. Possibilita problematizarmos as exigências de uma sociedade que impõe, cada vez mais, a produção de uma aparência delineada por padrões estéticos. O corpo hipertrofiado, muitas vezes reconhecido como o padrão de masculinidade para os homens, além de remeter a noção de beleza, parece instituir uma representação de juventude e beleza. Estevão (2005) demonstrou em seu estudo que mulheres praticantes de fisiculturismo apresentavam em suas narrativas o medo do envelhecimento, fato que as fazia superar, inclusive, as consequências negativas dos treinos.

O colaborador J também relatou as hierarquizações entre grupos dentro dos espaços das academias de musculação. Inclusive, a presença do "outro" pode ameaçar ou ser subjugada ao domínio masculino hegemônico.

*Eu só comecei a sentir isso, quando comecei a cultivar meu corpo. Antes, eu entrava na academia e conversava com todo mundo, zoava o grandão, dava um tapa nas costas do magrelinho [...] Eu olho para um franzino hoje e sinto a mesma insegurança que eu sinto hoje. Só que hoje, eu estou com mais peso que tinha antes [...] (J, INFORMAÇÃO VERBAL).*

A hierarquização entre os corpos na prática da musculação também produz um vocabulário próprio que permeia as relações entre os praticantes neste espaço geográfico. Além de classificar e hierarquizar é preciso nomear os corpos de acordo com sua expressão de masculinidade! O corpo "monstro" é mencionado por J como o corpo malhado, definido e hipertrofiado. Um corpo que atrai olhares e solicitações de indicação para treinos. Já os corpos magros e esguios são considerados como "frango", corpos que precisam de atenção, cuidado, tutela e dedicação para que possam sobreviver nos ambientes de academia.

*Monstrão no mundo fitness é o cara grande, musculoso. É o cara que chama a atenção, o cara que está em evidência dentro de uma sala de musculação. Esse que é o monstrão! O cara é um ícone dentro do fitness, na musculação [...] Ô cara lá! Ô monstrão! Digamos que é uma gíria dos caras que estão do mesmo tamanho, no mesmo peso, no mesmo foco, no mesmo objetivo e se tratam como ô monstrão! [...] Você vê que o povo te olha diferente em meio ao seu corpo. Você é tipo um ícone para os demais. (J, INFORMAÇÃO VERBAL, 2017).*

Estevão (2005) atentou para tal fato quando, a partir das observações e entrevistas por ela realizadas com mulheres fisiculturistas, percebeu que os

códigos linguísticos utilizados nessa espacialidade são específicos. Para além da alteração morfofisiológica, nos ambientes de prática da musculação parece circular uma linguagem própria para o estabelecimento das relações interpessoais. “Não é somente com o corpo musculoso que os fisiculturistas demarcam pertencimento ao grupo, mas também, utilizando um linguajar próprio, que só é decodificado por eles” (ESTEVÃO, 2005, p. 52).

Durante os momentos de observação presenciamos relações interativas entre J e outros praticantes de musculação, tendo diversas vezes, ocorrido à utilização dos termos “monstrão” e “frango” para se referirem uns aos outros. Tais jargões foram muito comuns durante a prática de exercícios e contatos entre eles. Em um treino, no qual um jovem de estatura média e massa corporal visivelmente menos hipertrofiada que o participante J, ao aproximar-se dele, manifestando o interesse em instituir contato para realizar uma sessão de treinamento juntos, o nomeou como “monstrão”. Para os códigos linguísticos utilizados por J:

*O Frango [...] seria o magricelinho, o franzino, o cara que não gosta de treinar, o cara que só treina por saúde e não visa a estética, esse é o frango. Para o cara que pesa 100 kg, o de 70 quilos é frango, entendeu! Ele não está no mesmo padrão. No mesmo nível. É quase uma hierarquia, se o cara não for forte, é frango. Você é um franguinho, passa despercebido dentro ou fora da academia. (J, INFORMAÇÃO VERBAL).*

Essa dicotomização entre o corpo do “monstrão” e do “frango” repercute num processo de elitização e separação, conforme os diferentes estereótipos corporais e parece ter relação com um processo de hierarquização entre diferentes representações de masculinidade no espaço geográfico em tela. Durante o desenvolvimento de nossa pesquisa, era visível que os sujeitos mais musculosos se distanciavam dos sujeitos menores (menos musculosos). Em uma das observações, J referiu-se a outro participante de forma negativa, ao dizer “Vaza Frango”, diante da possibilidade de ter o aparelho de musculação somente para ele.

A hierarquização entre os corpos masculinos estabelecida no contexto da prática da musculação é evidenciada na fala do próprio J:

*Mas que existe esta hierarquia dentro da academia, que aparentemente o cara que é forte manda e o cara que é fraco obedece. Digamos assim, um exemplo, se o fortão está treinando em um aparelho, dificilmente, ou a não ser que seja amigo, um cara mais fraco vai pedir para revezar o aparelho. Muito difícil! [...] Raramente você irá ver um fortão e um magrelo treinando juntos. Não tem! Ou é magrelo com magrelo, ou é fortão com fortão. (INFORMAÇÃO VERBAL, 2017).*

Para Hansen e Vaz (2004), muitas vezes ocorre uma relação entre homens praticantes de musculação que é estabelecida conforme a resistência (carga) utilizada para realização dos exercícios físicos, legitimando os grupos que cada

personagem deverá adotar no ambiente da musculação. Portanto, parece que para os modelos de masculinidade em disputa no interior das academias de musculação, quem consegue levantar mais peso ou produzir uma estética corporal mais hipertrofiada, apresenta superioridade em relação aos “outros” machos.

Silva e Ferreira (2016) também contribuem para a discussão ao apontarem que um corpo hipertrofiado, malhado e definido parece aguçar a representação de uma “hipermasculinidade”, de uma virilidade e potência sexual que diferenciaria um sujeito masculino de outros.

No jogo das hierarquizações entre homens e ao ser questionado se fica no meio dos magros, J ponderou que:

*Não, isso nunca me incomodou, o que me incomoda é se o cara for maior (mais musculoso) que eu. Se ele está pegando mais peso, se o braço está maior, se ele fica mais bonito no espelho, se a gatinha olhou para ele e não para o outro. É o que eu falei para você, você começa a perder o foco do negócio, começa a querer os olhares para você. [...] Isso gera um ciúme que o povo está olhando para o cara e não para você. Hoje eu tenho a consciência, mas antes eu não tinha. E creio que tem muita gente que sofre com isso. (J, INFORMAÇÃO VERBAL).*

J parece demonstrar certo sentimento de incômodo com relação à possibilidade de alguém apresentar um corpo mais hipertrofiado que o dele. Para ele, o corpo hipertrofiado do outro é visto como ameaça, objeto de competição e disputa em relação à atenção de outras pessoas, especificamente das mulheres. Chegou a comentar que, quando esteve afastado por problemas de saúde, chegou a ir à acadêmica para observar se alguém estava mais “forte” que ele.

Inclusive, nosso colaborador nos confidenciou que alguns praticantes de musculação fazem uso de produtos anabolizantes para adquirir o corpo considerado como “monstrão”.

*Teve um período por conta do uso (produtos ergogênicos), comecei a me relacionar com três a quatro mulheres diferentes por semana. Nada te sacia [...] Estou pegando todas! Estou comendo todas. Você se sente muito bem, se sente um monstrão mesmo. Mas é temporário, é passageiro. Vai diminuindo o efeito do anabolizante você vai ficando normal, dá até uma depressão. Você perde até o interesse de se relacionar. (J, INFORMAÇÃO VERBAL).*

Quando o objetivo vai além da qualidade de vida e saúde, ou seja, quando a prática visa à competitividade, condições de trabalho ou representação estética, muitos praticantes de musculação recorrem ao uso de dietas alimentares, suplementos e complementos nutricionais e, não raro, a aplicação ou ingestão de produtos ergogênicos (anabolizantes) (SABINO, 2000; ESTEVÃO, 2005; CECCHETTO *et al.*, 2012). Como esclarecem Ferreira *et al.* (2014) tais substâncias são utilizadas de forma excessiva por praticantes de musculação,

amadores e profissionais, com objetivo de aumentar aspectos fisiológicos e morfológicos.

Interessante notar é que, mesmo ao deterem informações sobre os riscos à saúde a partir do uso de tais substâncias, alguns/algumas praticantes de fisiculturismo parecem não se importar com a morte. “Não penso no depois”, pois quero subir ao palco “grande e seco” (ESTEVÃO, 2005, p. 45). Nesse sentido, os regimes normativos dos corpos no interior dos espaços das academias também parecem produzir sentimentos que permitem compreender a morte como um “simples detalhe biológico” (GOLDENBERG; RAMOS, 2002, p. 31).

### Considerações Finais

O presente estudo objetivou compreender qual representação de masculinidade é produzida por um atleta fisiculturista por meio da prática da musculação no espaço geográfico da academia, bem como quais as relações por ele estabelecidas com seu corpo.

Partimos do pressuposto de que a masculinidade deve ser considerada como uma construção sociocultural que produz a representação do homem. Ressaltamos que, a partir da realidade dos diferentes contextos sociopolíticos e da intersecção com diferentes marcadores sociais, a masculinidade não pode ser compreendida como algo singular. Antes, deve ser pluralizada para que se possa conceber masculinidades no plural, considerando-se as distintas realidades socioespaciais.

O estudo demonstrou que a construção da masculinidade de nosso colaborador se faz por um “projeto de vida” instituído já na infância, sendo regulado pela família. A figura paterna aparece como agente administrador da estética, comportamentos e possibilidade de atuação da criança para que o macho se torne masculino. Assim, a representação de homem assenta-se nos valores reforçados no período de contato com a instituição familiar.

No que tange ao universo da musculação, nosso colaborador destacou a necessidade de adquirir determinado padrão corporal imposto pela sociedade, apontando como motivos da intervenção sobre seu corpo a necessidade de ser admirado por diferentes olhares. Tal dimensão explicita uma compreensão sincrética das relações interpessoais, calcada a partir de concepções que o impedem de compreender o seu papel e suas ações dentro de determinada conjuntura histórica, cultural e espacial.

Foi evidenciado, ainda, o estabelecimento de um processo de hierarquização entre os homens no interior da academia. No contexto estudado, as masculinidades estavam em disputa, tanto em relação aos espaços e aparelhos destinados ao aumento da massa corporal, quanto na relação estabelecida entre os olhares comparativos de outros machos, no intuito de perceber qual representação de masculinidade “exala” uma virilidade que mais se aproxima da masculinidade hegemônica. Ou seja, tais aspectos reforçam, inclusive, para que o tema possa ser aprofundado e problematizado desde a educação escolar, em diferentes componentes curriculares, mas em especial pela área de Educação Física.

Embora o estudo seja referente a um caso específico, é oportuno reconhecer

**Victor Cesar Belloni dos Santos, Vagner Matias do Prado, Marcos Vinicius Francisco**

que onde há um ser humano há a ontogênese expressa, fruto da coletividade social. Por fim, salientamos a necessidade e possibilidade de outros estudos a fim de que as questões em tela, aqui problematizadas, possam ser aprofundadas e auxiliar no acúmulo da produção de conhecimentos sobre e para o gênero humano.

### Referências

ALMEIDA, João Paulo Leandro de. ORNAT, Marcio José. Espacialidade e masculinidade na vivência de jovens da escola de 'guardas mirins' em Ponta Grossa, Paraná. **Geo UERJ**, v. 2, n. 25, 2014. pp. 142 – 171.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicol. Soc.**, v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011.

BRITO, Leandro Teofilo; FREITAS, José Guilherme de Oliveira; SANTOS, Mônica Pereira dos. “Não, Isso não é Coisa pra Homem” - Masculinidades e os Processos de Inclusão/Exclusão em uma Escola da Baixada Fluminense. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p. 114-125, 2014.

BRITO, Leandro Teofilo; LEITE, Miriam Soares. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 481-500, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAETANO, Marcio; LIMA, Carlos Henrique Lucas; CASTRO, Amanda Motta. Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 16, n. 3, p. 5-16, 2019.

CASIMIRO, Érica Dias. **As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia Antiga à contemporaneidade**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física), Universidade do Estado do Pará, UEPA, Belém-PA.

CECCHETTO, Fatima Regina; FARIAS, Patricia Silveira de; SILVA, Paulo Rodrigo Pedroso da; CORRÊA, Juliana Silva. Onde os fracos não têm vez: discursos sobre anabolizantes, corpo e masculinidades em uma revista especializada. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v. 22, n. 3, p. 873-893, 2012.

COEN, Stephanie Eve. **A critical geography of physical activity: investigating the role of gender in gym environments**. 2017. Tese

(Doutorado em Filosofia), Queen's University, Kingston, Ontario, Canada.

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

COSTA, Rosely Gomes. De clonagens e de paternidades: as encruzilhadas do gênero. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 157-180, 1998.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DEVIDE, Fabiano Pries. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira: entre ameaças e avanços, na direção de uma pedagogia queer. *In*: WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (Orgs.). **Gênero e Sexualidade no esporte e na Educação Física**. Natal: EDUFN, 2020, p. 91-105.

DEVIDE, Fabiano Pries; OSBORNE, Renata; SILVA, Elza Rosa; FERREIRA, Renato Callado; CLAIR, Emerson Saint; NERY, Luiz Carlos Pessoa. Estudos de gênero na Educação Física brasileira. **Motriz: rev. educ. fis.**, v. 17, n. 1, p. 93-103, 2011.

DUNNE, Andrew; FREEMAN, Olivia; SHERLOCK, Roger. The Weight of the World: Consuming Traditional Masculine Ideologies. **European Advances in Consumer Research**, v. 7, p. 138-142, 2006.

ESTEVÃO, Adriana. Prática do fisiculturismo: significados. **Motrivivência**, v. 27, n. 24, p. 41-57, 2005.

FERREIRA, Nariete Araújo Fernandes; SÁ, Sabrina Gontijo Vivas de; ALEIXO, Isabella Borges; PAIVA, Andres Marlo Raimundo de. Estudo dos efeitos provocados pelo uso do anabolizante Estanozolol. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v. 7, n. 3, p. 17-23, 2014.

FORTH, Christopher E. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). **História da Virilidade 3**. A virilidade em crise? Séculos XX e XXI. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 154-186.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo. A civilização das formas: o corpo como valor. *In*: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu&Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-40.

HANSEN, Roger; VAZ, Alexandre Fernandez. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 26, n. 1, p. 135-152, 2004.

JOHNSTON, Lynda. Reading the sexed bodies and spaces of gyms. *In*: NAST,

**Victor Cesar Belloni dos Santos, Vagner Matias do Prado, Marcos Vinicius Francisco**

Heide J.; PILE, Steve (Orgs.), **Places through the body**. London: Routledge, 1998. p. 244-262.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; PONTES, Vanessa Silva; RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Os estudos de gênero e masculinidade e seus reflexos para a Educação Física. **Rev. Bras. Cie. e Mov.**, v. 23, n. 1, p. 146-156, 2015.

PRADO, Vagner Matias; RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 16, n. 2, p. 402-413, 2010.

PRADO, Vagner Matias; ALTMANN, Helena; RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Condutas naturalizadas na Educação Física: uma questão de gênero?. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, p. 59-77, 2016.

ROMERO, Elaine; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. **Universo do corpo**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

SABINO, Cesar. Musculação: expansão e manutenção da masculinidade. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Os novos desejos**: das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 61-103.

SANTOS FILHO, José Camilo; GAMBOA, Sílvio Sanchez. (Orgs.). **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Homens no "limite" das dores na musculação de uma academia de ginástica de bairro popular: uma etnografia sobre formas plurais de expressão da masculinidade. **Movimento**, v. 22, n. 1, p. 89-98, 2016.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José. Espaços e múltiplas masculinidades: um desafio para o conhecimento científico geográfico brasileiro. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). **Espaço, gênero e masculinidades plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011. p. 23-54.

SOUZA, Edinilsa Ramos de. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 10,

**Tá "Monstrão"! A Construção da Masculinidade em uma Academia de Musculação**

n. 1, p. 59-70, 2005.

VENEGAS, Mar. La masculinidad como máscara: clase, género y sexualidad en las masculinidades adolescentes. **Convergencia**, v. 27, e14142, 2020.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História da Virilidade 3**. A virilidade em crise? Séculos XX e XXI. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 269-300.

WELZER LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista de estudos feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

**Recebido em 20 de janeiro de 2021.**

**Aceito em 25 de junho de 2021.**

**Victor Cesar Belloni dos Santos, Vagner Matias do Prado, Marcos Vinicius Francisco**

